



BRASILEIROS NO TOPO DO MUNDO

A pesquisadora Patrícia Piacsek realiza, no México, estudos que serão fundamentais para entender as mudanças climáticas e seus efeitos sobre a população

» VICENTE NUNES
CORRESPONDENTE

Lisboa — Quem perguntasse para a menina de 8 anos quais eram seus ídolos, ouviria em alto e bom som: Galileu Galilei, Louis Pasteur e Claude Monet. O espanto com a resposta era visível. “Me achavam uma criança muito estranha”, diz, sorridente, a pesquisadora Patrícia Piacsek, hoje com 33 anos. Afinal, era inconcebível para uma garota da idade dela admirar tanto um astrônomo, um cientista e um pintor impressionista desconhecidos de boa parte da população adulta. Já naquela fase, o instinto de desbravar o mundo em busca de respostas para temas tão atuais, como o meio ambiente, estava latente. Nada a tiraria daquele caminho.

A primeira conquista de Patrícia veio aos 15 anos: ficou em segundo lugar em uma olimpíada de astronomia realizada pelo colégio em que estudava. Mas o que realmente chamou a atenção, na mesma época, foi a epifania que ela teve numa aula de biologia. A professora estava explicando a fórmula da fotossíntese e, inquieta, a menina decidiu reescrever os dados ao contrário. Acabou chegando à fórmula da respiração. “Ali, tive um clique de como a nossa existência está intrinsicamente ligada à existência das plantas”, relembra.

Foi um sinal importante para a adolescente que adorava ciência e pesquisas, mas que ainda não sabia como trabalharia com aquilo, sobretudo num país que pouco valoriza o conhecimento. “Na época do vestibular, estava em dúvida entre biomedicina e biologia. Mas acabei optando por biologia, por ser uma área mais ampla”, ressalta. A decisão, por sinal, frustrou um professor de história, que acreditava que a menina deveria seguir pela área de humanas. “Ele sentiu muito, contudo, no fim das contas, consegui conciliar biologia com história, ao mostrar o que aconteceu com o clima no passado e auxiliar a humanidade em decisões futuras”, afirma.

Arquivo pessoal



Brasileira no Museu de História Natural de Paris: exibindo a Amonita de 72 milhões de anos

Ajuda das cavernas

Quase duas décadas depois, Patrícia está na Universidade Nacional Autônoma do México (Unam), onde faz pós-doutorado, atuando na área de mudanças climáticas. O grupo de pesquisa no qual ela está inserida estuda cavernas com o objetivo de medir as alterações nas precipitações de chuvas ao longo do tempo. “Analisamos espeleotemas, que são formações de calcário que crescem dentro

de cavernas”, explica. O crescimento desse material, que contém urânio, tem relação direta com o que aconteceu nos últimos mil e dois mil anos no México e na Guatemala.

Sua análise permitirá entender, por exemplo, se a quantidade de chuvas nessas regiões aumentou ou diminuiu e se isso pode resultar em períodos mais longos de seca ou mesmo na formação de áreas desérticas, com mudanças na vegetação. “Quando interpretamos os eventos

climáticos na escala de tempo, percebemos relações globais. É possível fazer interpretações da disponibilidade hídrica em diferentes partes do mundo com base em outros registros paleoclimáticos”, detalha. “E por que isso é tão importante? Porque nos ajuda a compreender o que se passa atualmente na Europa, que enfrenta uma seca absurda.”

A fatura desses desastres climáticos pesa sobre todos, especialmente entre os mais pobres. A pesquisadora explica que